

A liderança de Caxias na Guerra da Tríplice Aliança

*Átilla Queiroz de Barros**

...o Brasil lutará contra seus bravos vizinhos do Paraguai em uma guerra que não desejou, que não provocou e ainda hoje lamenta, mas que não pode evitar por lhe ter sido imposta por um adversário que o veio acometer no âmbito das próprias fronteiras.

(FRAGOSO, 2009, 1 v., p.260)

Introdução

O descobrimento e a posterior ocupação do atual território da América do Sul foram consequências diretas da expansão marítima, culminando com a chegada dos espanhóis à América em 1492 e dos portugueses ao Brasil em 1500.

Os países ibéricos lideravam então a arte da navegação e, naturalmente, disputaram as terras até então desconhecidas, resultando no Tratado de Tordesilhas e a divisão do mundo.

Do descobrimento passou-se à exploração e depois à ocupação dos espaços, com a instalação de uma infraestrutura administrativa que perenizasse a exploração dos territórios.

Entretanto, a geografia da América do Sul foi determinante na ocupação desses espaços. Duas grandes entradas levam ao interior do subcontinente: os rios Amazonas, ao Norte, e o da Prata, ao Sul. Os grandes

obstáculos foram e ainda são a Floresta Amazônica e a Cordilheira dos Andes.

A fricção entre esses povos teria de acontecer em algum momento. Os vales dos rios Paraguai, Paraná, Uruguai e da Prata foram as estradas que pavimentaram o maior conflito armado da América do Sul.

A Guerra da Tríplice Aliança colocou em lados opostos a aliança formada pelo Império do Brasil, a Argentina e o Uruguai contra o Paraguai, embora a guerra tenha sido travada contra o ditador paraguaio Solano Lopez no período de 1864 a 1870.

Vários personagens de destaque dos países envolvidos participaram da contenda, sobressaindo-se o brasileiro duque de Caxias, que teve a responsabilidade de colocar em marcha as tropas aliadas após quase dois anos estacionada, conduzindo-as até a capital do país adversário.

Este ensaio tem por objetivo destacar a liderança exercida por duque de Caxias na Guerra da Tríplice Aliança, constituindo-se no artífice da vitória aliada.

* Cel Inf R/1 (AMAN/91, EsAO/98, ECEME/08), graduado em Administração de Empresas (Universidade do Sul de Santa Catarina). Atualmente, é Subdiretor do CIPAS.

Liderança Militar utilizada neste trabalho será a contida no Manual de Liderança Militar (BRASIL, 2011), assim definida:

A liderança militar consiste em um processo de influência interpessoal do líder militar sobre seus liderados, na medida em que implica o estabelecimento de vínculos afetivos entre os indivíduos, de modo a favorecer o logro dos objetivos da Organização Militar em uma dada situação.

A guerra

Antecedentes

O Império do Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata assinaram a Convenção Preliminar de Paz em 27 de agosto de 1828, pondo fim a guerra no extremo meridional devido à anexação do território do Uruguai ao Brasil.

Em tese, o recém-independente Uruguai ficava livre dos interesses do Brasil e da Argentina, fato que não se comprovou nos anos subsequentes, devido à importância estratégica daquele país — o controle da parte norte da foz do rio da Prata.

Após sua independência, o Uruguai viveu momentos de intensa turbulência, pois os grupos políticos oscilavam entre o Brasil e a Argentina, trazendo intranquilidade e ataques aos brasileiros residentes no Uruguai e na fronteira com o Rio Grande do Sul.

A situação se agravou, resultando na Missão Saraiva e no ultimato, em agosto de 1864. Tudo foi feito para que os problemas dos ataques a brasileiros fossem resolvidos diplomaticamente. Como não foi aceito pelo governo uruguaio, o Brasil destacou o Exército do Sul ou Divisão de Observação e a esquadra brasileira, que ocuparam Montevidéu.

O Uruguai, pressionado pelo Brasil ao Norte e pela Argentina ao Sul, solicitou a participação do Paraguai como mediador do problema, o que não foi aceito pelo Império.

As operações no Uruguai foram finalizadas em 20 de fevereiro de 1865, quando as ações paraguaias contra o Brasil já estavam em curso.

Para o Brasil, a livre navegação do rio Paraguai era fundamental para a ligação com a província de Mato Grosso. Entretanto, Solano López condicionava esta necessidade brasileira à solução dos problemas de limites.

Invasões paraguaias ao território brasileiro

O ditador paraguaio decidiu iniciar os ataques efetivos ao Império ao aprisionar o navio brasileiro Marquês de Olinda, em 10 de novembro de 1864, e ao invadir a província de Mato Grosso, em 23 de dezembro do mesmo ano. Esta invasão do solo pátrio permaneceu até 3 de abril de 1868, quando houve a evacuação paraguaia devido ao avanço dos aliados em direção a Assunção.

Um fato marcante foi a invasão paraguaia à cidade de Corrientes em 25 de janeiro de 1865, pois a Argentina negou a passagem paraguaia em sua intenção de atacar o sul do Brasil. Deste fato resultou a assinatura do Tratado da Tríplice Aliança entre o Império do Brasil e as repúblicas da Argentina e Uruguai, assinado em 10 de maio de 1865, isolando o Paraguai.

Os paraguaios se apoderaram de São Borja em 10 de junho de 1865 (FRAGOSO, 2011) e prosseguem até Uruguaiana, passando por diversas outras vilas menores, saqueando e tratando desumanamente a indefesa população civil. Cem dias após a invasão paraguaia ao sul do Brasil, houve a rendição em Uruguaiana,

Grandes desafios já tinham sido vencidos, mas outros tantos iriam surgir até o final da campanha, cabendo realçar o seguinte:

Destarte, os aliados invadiriam o Paraguai pisando um terreno difícilimo, como veremos, sem cartas para orientá-los, sem guias seguros e achando o desconhecido na sua frente. Fariam uma guerra às apalpadelas, conforme se disse com perfeita exatidão. (FRAGOSO, 2011, 2 v., p. 47)

O terreno plano, cortado por esteiros, dificultava sobremaneira as operações, agravado pelo fato de que todo o apoio logístico vinha da cidade argentina de Corrientes, até mesmo a alimentação dos animais, tendo em vista que os recursos locais eram impróprios.

Várias batalhas importantes foram travadas, destacando-se a 1ª Batalha de Tuiuti, quando cerca de 30.000 aliados combateram 24.000 paraguaios, além da vitória de Curuzu e o flagrante revés de Curupaiti.

O comando de Caxias

O Duque de Caxias



Caxias aos 75 anos em 1873

Figura 3 – Duque de Caxias
Fonte: Wikipedia®

Após a invasão do território pátrio e diante do despreparo do Brasil, o marquês de Caxias foi questionado de como preparar-se para uma guerra praticamente em curso. A resposta veio no dia 25 de janeiro de 1865, com o seguinte teor:

Elevar imediatamente o Exército a cinquenta mil homens, ficando cinco mil na reserva; tirar da Guarda Nacional as praças necessárias para os corpos de primeira linha; organizar os corpos de voluntários com oficiais da Guarda Nacional e de linha. (PEDROSA, 2004, p. 251)

Do exposto acima, pode-se confirmar o respeito e a confiança que todos depositavam em Caxias nos momentos mais difíceis.

Por decreto de 10 de outubro de 1866, o Governo imperial nomeou o marechal de exército marquês de Caxias comandante das forças brasileiras em operações no Paraguai, entregando-lhe também a direção da esquadra. Desta forma, colocou à frente das tropas um militar de capacidade reconhecida e unificou os comandos terrestre e naval.

FRAGOSO (2011) comprova o prestígio e a necessidade de Caxias naquele momento em que os aliados não conseguiam avançar. Eis como Zacarias de Góis e Vasconcelos, então presidente do Conselho, explicou a nomeação de Caxias em discurso proferido no Senado em 8 de junho de 1868:

O nobre Marquês de Caxias teve o grande mérito de sopitar todas as intrigas; foi um grande serviço que prestou ao país. Depois do desastre de Curupaiti, o exército e a armada estavam em más circunstâncias, não pelo desastre em si, que era nada na guerra, mas porque os chefes achavam-se em desarmonia, havendo as intrigas estado sufocadas até que aquele desastre revelou

a discórdia que entre eles reinava, caso em que o governo considerou rigorosamente indispensável a ida do nobre Marquês de Caxias.

No dia 18 de novembro, chegou Caxias a Tuiuti. A partir de então, realizou as ligações necessárias com os comandantes em todos os níveis, dirimindo as intrigas e resgatando a indispensável união de esforços tão necessária em uma guerra.

Em 18 de outubro de 1866, o governo decidiu mobilizar o 3º Corpo de Exército no Rio Grande do Sul, nomeando o bravo general Osório como comandante, sendo assim relatado:

Caxias procedia sensatamente apelando para a colaboração franca e decisiva do general Osório, cuja volta ao seio das tropas combatentes serviria para animá-las a novas empresas e para lhes levantar o moral. (FRAGOSO, 2011, p. 188)

O Marquês, com essa ação, acerceu-se de militares de indubitável competência e liderança, o que muito contribuiu para os sucessos futuros.

Caxias passou à reorganização das tropas brasileiras, visitando os estabelecimentos militares e racionalizando tudo o que era possível, como a fundição dos hospitais de campanha, evitando mais sofrimento aos enfermos, e a regularização dos serviços administrativos ao visitar os depósitos, conforme relata FRAGOSO (2011).

Entretanto não se esqueceu da segurança, providenciando logo para que alguns navios de pequeno calado policiassem o rio Paraná e impedissem que por ele fossem enviados recursos aos paraguaios.

A posição principal de Tuiuti foi melhorada, pois Caxias projetava utilizá-la como

base no seu movimento para o Norte, dedicando especial cuidado na segurança dos depósitos e salvaguardando sua linha de comunicações (FRAGOSO, 2011, p. 204).

Introduziu os aeróstatos para observar as posições e os movimentos do inimigo, permitindo a consciência situacional e a adoção de ações eficazes de acordo com a situação.

Bartolomeu Mitre, presidente argentino e comandante supremo das forças aliadas, determinou que a esquadra brasileira ultrapassasse a posição fortificada de Humaitá como ação preliminar à marcha de flanco que seria realizada em terra. Entretanto, havia discordância da armada e receio que o objetivo real seria a destruição da armada brasileira, o que gerou desconforto entre os chefes aliados.

A discordância entre Mitre e Caxias reproduzia a desconfiança das intenções sempre presente entre o Império do Brasil e a República da Argentina, ficando patente quando Caxias assim afirmou que

o espírito do general D. Bartolomeu Mitre atuou pensamento oculto e maléfico com referência ao Império e à presente guerra, e que nossa boa-fé e sinceridade estavam bem longe de serem por ele compreendidas. (FRAGOSO, 2011, p. 311)

Em 25 de julho de 1868, Humaitá é ocupada pelos aliados, pois os paraguaios haviam evacuado a posição. Desta forma, foi ultrapassado o obstáculo que tanto problema havia imposto às tropas aliadas, transformando-se em base aliada com depósitos, hospitais, repartições e tribunais, que eram mantidos em Corrientes.

Acontecimento fundamental para as operações futuras aconteceu em 13 de janeiro

de 1868, quando Mitre passou o comando das tropas aliadas a Caxias, provocado pela morte do vice-presidente argentino. Daí em diante a situação foi assim relatada:

A ascensão de Caxias ao posto de generalíssimo foi um dos acontecimentos mais felizes da guerra contra López, pois ocasionou benefícios extraordinários às operações; suprimiu rivalidades e permitiu que a atividade infatigável e o tino militar desse general ilustre se desenvolvessem com absoluta independência em proveito da causa comum. (FRAGOSO, 2011, p. 374)

Fruto do desconhecimento da área, dos problemas relacionados à discordância entre os comandantes aliados, das imensas dificuldades logísticas, entre outras, o avanço aliado no início foi pífio, como assevera FRAGOSO (2011):

Destarte, as suas tropas gastaram cerca de dois anos e três meses para avançar dentro do território inimigo — na direção geral do Norte, e a partir do Passo da Pátria — apenas uns 40km em linha reta.

A velocidade do combate mudou com a ultrapassagem de Humaitá, pois Caxias logrou colocar as tropas aliadas em contato com o grosso das tropas paraguaias, gastando trinta e seis dias para deslocar-se de Humaitá até Palmas, cerca de 200km.

As tropas paraguaias apresentaram-se em uma posição defensiva muito bem montada, com 9km de trincheiras, apoiada na lagoa Ypoá. Caxias tinha duas opções: desbordar pela direita, ultrapassando grandes obstáculos, ou pela esquerda, utilizando o Chaco, desbordando as baterias inimigas situadas no rio Paraguai. Decidiu-se pelo Chaco, e as tropas brasileiras deram uma prova cabal de sua capacidade de vencer obstáculos, quando foi construída uma estrada em terreno impróprio, assim relatado:

A extensão do novo caminho era de 10.714m. Tinham-se construído 2.930m de estiva com troncos da palmeira carandá; cada tronco era seccionado em três pedaços. Foi preciso derrubar cerca de seis mil palmeiras para obter o material necessário. Os trabalhos de construção haviam durado apenas 23 dias. (FRAGOSO, 2012, 4 v., p. 45)

Parece óbvio que a presença brasileira no Chaco não era desconhecida por López, mas não se acreditou que os adversários fossem capazes de transitar ali com tropas tão numerosas.

A grande manobra concebida por Caxias foi desbordar a posição defensiva paraguai pela esquerda, utilizando o Chaco, e ultrapassar para a margem esquerda do rio Paraguai em Santo Antônio, evitando a posição defendida de Villeta, atacando-a posteriormente pela retaguarda. Esta manobra foi determinante para os resultados posteriores, como é claramente dito:

Tais são os esclarecimentos de Thompson. Deixam-nos ver claramente que López havia reconhecido a inutilidade do seu primeiro trabalho. A manobra de Caxias, contornando-o pelo Chaco e vindo depois atacá-lo na retaguarda, baldara-lhe o esforço e anulara a posição que ele havia construído ao norte do Piquissiri com tanta habilidade e senso tático. (FRAGOSO, 2012, 4 v., p. 91)

A transposição foi efetuada no dia 5 de dezembro de 1868, com o apoio fundamental dos navios brasileiros. Ao longo de um dia, mais de 17 mil homens encontravam-se posicionados a três léguas a norte de Villeta.

Dezembro de 1868 reservou páginas inolvidáveis do gênio militar de Caxias. Desembarcada a tropa em Santo Antônio, mandou o general Argolo ocupar a ponte

de Itororó, passagem obrigatória na direção sul. Entretanto, este não pôde executar de imediato a ordem, pois não tinha cavalaria suficiente. Posteriormente, encontrou a ponte com 5.000 paraguaios e 12 bocas de fogo.

No dia 6 de dezembro, deu-se o combate de Itororó. Após avanços e recuos, ordenou Caxias que Osório desbordasse a posição para surpreender os paraguaios por uma picada. Entretanto, o combate evoluiu e exigiu do generalíssimo a ação de um líder para evitar o caos. A tropa aliada começou a recuar, e Caxias, no intuito de infundir coragem às suas tropas, decide conduzi-las diretamente. Desembainha sua espada e lança a exclamação que ficou histórica: “Sigam-me os que forem brasileiros” (FRAGOSO, 2012, 4 v., p. 66).

Esse ato de Caxias galvanizou a tropa, pois seus subordinados viram um velho soldado lançar-se à frente com destemor, mostrando-lhes o caminho e dando um exemplo do que é ser um líder, intervindo com oportunidade e expondo-se aos mesmos perigos.

Sobre o mesmo evento, salienta Thomas Whingham, em seu livro *La Guerra de la Triple Alianza* (p. 252):

Mas o gesto de Caxias não havia sido nem impetuoso nem romântico, mas calculado, com independência de que, apesar de seus sessenta e quatro anos, sentia em suas veias a paixão e a firmeza de um jovem oficial [...] “Todos vocês que são brasileiros”, gritou, “sigam-me!” e se dirigiu a todo galope para a ponte com as unidades restantes a sua retaguarda. (tradução nossa)

No dia 11 de dezembro, foi travada a batalha do Avaí, em que as tropas aliadas mais uma vez demonstraram sua capacidade

combativa, vencendo o bravo inimigo em mais de cinco horas de combate.

A 21 de dezembro, Caxias ataca a posição defensiva paraguaia do Piquissiri e a conquista. Seguiu-se ainda o combate de Ita-Ibaté, em 27 de dezembro, e a rendição da posição artilhada de Angostura, em 30 do mesmo mês.

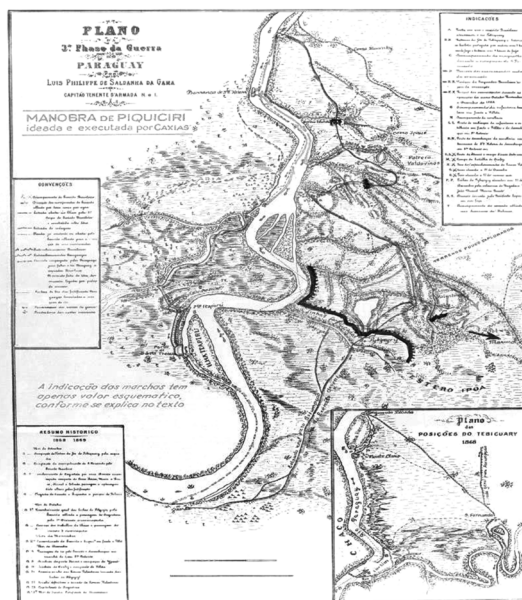


Figura 4 – Dezembrada
Fonte: FRAGOSO, 2012

Após essas vitórias, Caxias, após breve parada para reorganizar as tropas em Villeta, prossegue para Assunção, ocupando-a em janeiro de 1869.

Após mais de dois anos em campanha, o sexagenário Caxias oficiou ao ministro da Guerra, a 12 de janeiro, nos seguintes termos:

No caso que o governo julgue em sua sabedoria que não me deve demitir, rogo a V. Exa. que ao menos, em remuneração dos serviços que eu penso que aqui ter prestado, me conceda três meses de licença, para ir tratar de minha saúde onde me convier,

prometendo voltar logo que me ache melhor. (FRAGOSO, 2012, 4 v., p. 140)

Esta foi a remuneração solicitada por esse insigne chefe e líder das tropas aliadas.

A 3 de fevereiro, por ordem de Caxias, navios brasileiros chegam a Cuiabá, abrindo definitivamente a ligação fluvial perdida desde o aprisionamento do Marquês de Olinda.

A 17 de janeiro, Caxias foi acometido de uma síncope, que o obrigou a passar o comando no dia posterior e retornar ao Brasil. Findava, deste modo, a participação desde exemplar soldado brasileiro nessa campanha.

Em 9 de janeiro de 1872, foi assinado o tratado de paz entre o Brasil e o Paraguai (FRAGOSO, 2012, 5 v., p. 285) e, em 22 de junho de 1876, os últimos militares brasileiros deixavam a cidade de Assunção.

O Brasil levou ao Paraguai cerca de 130 mil homens do Exército e 9 mil homens da Marinha, totalizando 139 mil combatentes. Destes, cerca de 24 mil foram mortos, feridos ou extraviados.

Considerações finais

A Guerra da Tríplice Aliança foi um verdadeiro descalabro econômico para o Império, pois teve de emitir papel moeda e fazer empréstimos para sustentar a guerra.

Referências

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**. 3ª ed. Buenos Aires: Emecè Editores, 2008.

EME. Estado-Maior do Exército. **Portaria nº 102-EME, de 24 de agosto de 2011**. Manual de Campanha C20-10 – Liderança Militar, 2ª ed., 2011.


FRAGOSO, Augusto Tasso. **História da guerra entre a tríplice aliança e o Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2009, 2011 e 2012.

Não há dúvida de que essa guerra influiu nos eventos posteriores do Brasil, acelerando o fim do Império em 1889.

Ficou sobremaneira evidente a liderança exercida por Caxias. Inicialmente, reorganizando as Forças e unificando o comando das tropas brasileiras. Posteriormente, colocou em marcha as tropas depois de mais de dois anos sem avanço no cerco e ocupação de Humaitá, no desbordamento pelo Chaco da posição defensiva do Piquissiri, na série de vitórias de dezembro de 1868 e, sobretudo, por ter executado tudo isso sendo um sexagenário.

Caxias recebeu diversas críticas sobre a condução da guerra. Entretanto cabe a reflexão de Dionísio Cerqueira:

Mas a crítica aos grandes mestres sempre é fácil. A arte da guerra é aquela em que se cometem mais erros. Até os maiores capitães se descuidaram, como o divino Homero. Segundo um ilustre oficial francês, a guerra é uma série de erros onde vence o que menos erra. (DORATIOTO, 2008, p. 375; tradução nossa)

Experiência, inteligência, coragem moral e física foram sobejamente comprovadas em diversas situações reais de conflito, ensinando sua designação como o patrono do Exército Brasileiro em 1962, sendo seu natalício comemorado como o Dia do Soldado. 

PEDROSA, José Fernando Maya. **A Catástrofe dos Erros**: razões e emoções na guerra contra o Paraguai. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2004.

WHIGHAM, Thomas. La Guerra de La Triple Alianza. 1ª ed. Asunción: Prisa Ediciones, 2012.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.